

POESIA: PASSAGENS E IMPASSES

*O potencial autoritário é, agora como
antes, muito mais forte do que se
poderia supor.*

"Ao escolhermos para este encontro o título 'Poesia: passagens e impasses', dentre algumas opções sugeridas por nosso "batizador oficial", o Prof. Raúl Antelo, sequer poderíamos imaginar o alto teor profético nele contido. Pensávamos então que o título deveria remeter ao tema do encontro - a poesia - e às questões contemporâneas que a envolvem. Desejávamos que sugerisse, por exemplo, as tensões vividas tanto no campo da produção poética propriamente dita quanto no de sua crítica, prensadas ambas entre os desmoronamentos de paradigmas, de valores, e a luta por sua manutenção, num cenário ao mesmo tempo de crises e de apaziguamentos, temperados pela exposição às impurezas da mídia à velocidade das redes virtuais. Cenário pleno de impasses simbólicos que exigem múltiplas passagens: de um tempo a outro, de uma realidade a outra, de um discurso a outro; de um veículo a outro; de uma língua a outra; de um valor, estético ou não, a outro; passagens nem sempre de mão dupla. Tais questões nos preocupam; dessas questões nos ocupamos aqui.

Mas, para nossa surpresa, fomos nos deparando com outros inúmeros impasses no plano do cotidiano, naquele rés-do-chão, tão pleno de matéria poética para Manuel Bandeira, mas que se nos apresentava absolutamente desprovido de qualquer encanto — lidávamos, de repente, com uma situação de total esvaziamento de nosso habitat universitário, desprovidos inclusive do moderníssimo meio de comunicação eletrônica que nos permitia estar em contanto, mesmo que virtual, com o mundo à nossa volta. Manter as datas previamente acordadas? Manter o próprio colóquio? Os impasses se colocavam claramente, pressionados pela concretude dos bolsos vazios, da escassez de fundos para resolver, no imediato e nada inefável mundo do dinheiro e das agências de fomento, o impasse das passagens. Sim, das passagens aéreas. Podíamos ouvir os ecos da crítica negativa nos dizendo: é possível fazer poesia depois de Auschwitz? É possível fazer poesia hoje? É possível falar de poesia hoje?

No entanto, se as pedras do caminho, sereia pós-moderna, nos convidavam a desistir, convocava-nos, por outro lado, a vontade de resistir. Vontade que se constrói através do próprio objeto de nosso encontro: a persistência da poesia; mais ainda, a necessidade da poesia e seus mistérios neste novo século, definitivamente inaugurado

em 11 de setembro. A persistência dessa forma tão antiga, sempre renovada em suas crises, nos convoca a, com ela, resistir ao mundo futuro que se anuncia, para construir outro, sem a nostalgia do tempo perdido e jamais reencontrado a não ser na memória e seus espectros; a poesia e suas dificuldades nos convocam também a resistir à facilitação do imediatismo, em que tudo se vê pura e simplesmente transformado em espetáculo; nos convoca ainda a resistir à barbárie deste mundo caduco, dividido agora tão maniqueístamente entre bem e mal, sem cair no vazio da racionalidade pura e cínica das novas ordens globalizadas; resistir ao império da tecnologia em suas certezas arrogantes, traçando outras formas de percepção e de conhecimento e construindo, por que não?, outras fontes de beleza (ah, a beleza, essa nossa corruptora, dizia aqui mesmo, nesta universidade, um outro crítico e poeta); resistir, pelo exercício da criatividade e da crítica, às novas, redobradas e muitas vezes sofisticadas formas de controle que pretendem ocupar, em nome da liberdade, o lugar um dia habitado por essa mesma liberdade. São muitas as frentes a que urge resistir; são muitas as formas poéticas com que se pode praticar a resistência — é preciso que cuidemos delas.

Por tudo isso estamos aqui hoje — para, tratando da poesia, exercermos alguma forma de resistência — inclusive pela produção intelectual, apesar de sermos professores. E para encerrar, dando minhas boas vindas a todos que acolheram ao nosso chamamento, quero fazer um agradecimento muito especial à Universidade Federal de Santa Catarina, que, num gesto também de resistência à mediocridade geral, foi quem efetiva e concretamente viabilizou nosso encontro, resolvendo os impasses das passagens. Assim, em meu nome, em nome da comissão Organizadora e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, onde tudo isso começou, agradeço especialmente à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que encampou o projeto desde o início, à Pró-reitoria de Cultura e Extensão, que prontamente atendeu às nossas solicitações, ao Centro de Educação e, finalmente, ao Centro de Comunicação e Expressão, através de sua direção e dos dois departamentos da área de letras. A todos vocês, muito obrigada pela oportunidade de aqui estarmos.”

O texto acima foi lido por mim, na cerimônia de abertura do Colóquio “Poesia: Passagens e Impasses”, promovido pelo Núcleo de Estudos Literários e Culturais, NELIC, em dezembro de 2001, no bojo dos vários meses de greve com que então nos defrontávamos. A mesma greve e as mesmas dificuldades, inclusive de ordem econômica, que atrapalharam a periodicidade de nosso *Boletim* em 2001/2002 e colocou

em dúvida a possibilidade de publicarmos os anais desse significativo evento, palco de tantas e tão acaloradas, produtivas discussões.

É tentando preservar, ao menos em parte, a memória desse encontro, que o *Boletim de Pesquisa NELIC n.º 8/9* torna-se um volume especial: contém uma amostra significativa das leituras apresentadas no Colóquio, reunindo aqui vários e importantes trabalhos que permaneciam inéditos. É verdade que não estão aqui todos os textos apresentados. Terminado o Colóquio, as incertezas quanto às reais possibilidades desta publicação nos levaram a não solicitar imediatamente os textos. Conseqüentemente, no espaço de tempo que separou o Evento da edição deste *Boletim especial* (pouco mais de um ano), alguns de nossos participantes publicaram seus trabalhos em outros veículos e, por este motivo, não se encontram aqui.

Agradecemos, por outro lado, aos que acolheram nosso pedido, mesmo que tardio, enviando-nos seus textos, que agora temos o prazer de publicar. E, com eles, temos ainda a possibilidade de continuar a resistir.

Maria Lucia de Barros Camargo